



INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
BAHIA
Campus Eunápolis



pindorama

Revista Eletrônica Científica do IFBA

**Revista Eletrônica Multidisciplinar Pindorama do Instituto Federal de
Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia – IFBA Nº 02 – Ano 3 – junho/2012 –
www.revistapindorama.ifba.edu.br**

O poder como inspiração: Elias, Foucault e a educação escolar

Davi Kiermes Tavares

Bacharel em Ciências Sociais e Mestre em Sociologia Função e/ou cargo:
Professor de Sociologia Unidade e departamento: Instituto Federal de
Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA) – Campus Eunápolis –
Eunápolis/BA – Brasil. Lattes:

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do> Endereço eletrônico:
dakitaa@yahoo.com.br

RESUMO:

Sugere-se, neste artigo, que as concepções de Norbert Elias e Michel Foucault sobre o *poder* podem ser agregadas para proporcionar reflexão sobre a educação escolar. Tal proposta se estrutura a partir da leitura das obras “Os Estabelecidos e os Outsiders” (2000[1965]) e “Microfísica do Poder” (2000[1979]), dos respectivos autores.

Palavras-chave: Poder. Educação. Elias. Foucault.

ABSTRACT: It suggests itself, in this article, that the conceptions of Norbert Elias and Michel Foucault about the power can be lodgers for provide reflection about the school education. Such proposal itself structure from the reading of the works "The Established and the Outsiders" (2000[1965]) and "Microfísica do Poder" (2000[1979]), of the respective authors.

Keywords: Power. Education. Elias. Foucault.

Introdução

Dennis Smith, estudioso da obra de Norbert Elias, depõe que Michel Foucault está entre os admiradores de Norbert Elias e seus interesses se justaporam em um grau elevado (SMITH, 2001). De tal modo que “[...] nos últimos anos de sua vida Foucault se familiarizou com a obra de Elias. Em seus derradeiros meses, Foucault traduziu *A Solidão do Moribundo*, de Elias, para seu próprio uso particular” (SZAKOLCSAI¹, 1998 apud SMITH, 2001, p. 18).*

Outro analista, Pieter Spierenburg, coloca que os dois teóricos estavam ansiosos por aprender um do outro, embora nunca viessem a encontrarem-se pessoalmente. Para seu uso privado, Foucault traduziu *A Solidão do Moribundo* de Elias, da edição original alemã de 1982. O interesse do filósofo francês neste livro está possivelmente acentuado por um sentido de sua iminente morte. De sua parte, Elias convidou Foucault a participar de um Congresso em Bielefeld, em 1984, para poderem trocar idéias. Foucault não compareceu, pois veio a falecer antes (SPIERENBURG, 2004, p. 610-611).

Tais depoimentos favorecem o pensamento, “a posteriori”, de possibilidades de relação entre esses dois cientistas sociais, mormente em torno de seus escritos. De tal modo, análises múltiplas - em momentos diversos, com objetivos vários - enfocam uma intersecção, ou aproximação, ou qualquer outra relação teórico-metodológica entre Elias e Foucault.² Em meio a essas, vale aludir à proposta de Smith (2001) que os aloja sob a chancela da moderna teoria social. Em verdade, situa Elias com relação a Foucault e a outros pensadores. Em suas palavras:

[...] Elias é privilegiado em cada página deste livro. No entanto, este estudo não é só sobre Elias e as suas idéias. No cerne do mesmo está uma série de comparações sistemáticas entre Elias e, seqüencialmente, Michel Foucault, Talcott Parsons, Hannah Arendt e Zygmunt Bauman. [...] O objetivo deste livro é

¹ Cf. SZAKOLCSAI, A. *Max Weber and Michel Foucault. Parallel Life-Works*. London: Routledge, 1998.

* As citações de autores estrangeiros, consultados no original, foram traduzidas pelo autor.

² Nos referimos, por exemplo, à textos como: *Punishment, Power, and History: Foucault and Elias* (SPIERENBURG, 2004), *The Civilizing Process and The History of Sexuality: Comparing Norbert Elias and Michel Foucault* (SMITH, 1999), *Space, Time and the Constitution of Subjectivity: Comparing Elias and Foucault* (DOLAN, 2010), *The Planned and the Unplanned: A Roundtable Discussion on the Legacies of Michel Foucault and Norbert Elias* (BINKLEY et al, 2010), entre outros.

traçar, justapor e comparar cinco caminhos diferentes pela densa floresta da modernidade. Cada autor estudado tem seu (ou o seu) próprio "mapa", focando sobre certos aspectos do terreno psico-socio-histórico enquanto negligenciam outros. [...] Embora Arendt e Foucault sejam convencionalmente alinhados com filósofos enquanto Parsons e Bauman trabalhavam em departamentos de sociologia, eles todos são descritos, incluindo Elias, como "filósofos" em alguns aspectos e "sociólogos" em outros aspectos (SMITH, 2001, p. 2; 15; 17; destaque do autor).

No estudo de Smith, especificamente ao que concerne à relação Elias *versus* Foucault, é posto que

Elias procura os princípios da ordem dentro do mundo. Foucault preocupa-se com isto também (embora a sua análise seja diferente), mas ele é igualmente, talvez mais, interessado no caos criativo que fica, na sua visão, mais além, atrás de ou em algum lugar profundo dentro do mundo das práticas opressivas do discursivo. Isto o leva a áreas e suposições que Elias rejeitou (SMITH, 2001, p. 98).

Aludidas essas considerações, conjectura-se uma aproximação desses dois autores acerca do entendimento e da proficuidade da questão do *poder*, visto que a mesma se constitui numa espécie de categoria analítica³ e recebeu apreciável atenção dos mesmos.⁴ Esse acometimento é norteado pela idéia de que as concepções eliasiana e foucauldiana com respeito ao poder podem se justapor, dialogar, no sentido de propiciarem à escola (escolarização) possibilidades de aperfeiçoamento.

Nesse intento, apresentamos inicialmente considerações sobre a temática *poder*, que servem para consignar sua relevância na vida social. Em

³ *Categorias analíticas* são aquelas que retêm as relações sociais fundamentais e podem ser consideradas balizas para o conhecimento do objeto nos seus aspectos gerais (MINAYO, 2004, p. 93).

⁴ Por óbvio, aqui, não podemos arrazoar sobre o *poder* na ampla obra dos autores, mas, sim, destacar esse elemento a partir de dois textos capazes de representar o pensamento dos mesmos.

seguida, expomos em adjacência os conteúdos das obras *Os Estabelecidos e os Outsiders - sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade* (2000 [1965]) e *Microfísica do Poder* (2006 [1979]),⁵ com destaque ao tratamento dado à temática, e ao que seria uma (possível) complementaridade à concepção do primeiro pelas idéias do segundo autor. Por derradeiro, tecemos considerações a respeito de como as concepções de poder eliasiana e foucauldiana agregar-se-iam no sentido de fornecer aporte face algumas situações da educação escolar.

1. Considerações sobre o *poder*

Em recensão ao livro *De-Facing Power*⁶, Perissinotto (2003, p. 147) é assente: a tarefa de discutir o *conceito de poder* é uma questão difícil, um (em suas próprias palavras) “terreno pantanoso”, desafiante, por algumas razões: primeiramente, porque existe uma multiplicidade de definições clássicas; depois, pelas inúmeras “atualizações” conceituais e metodológicas que a literatura contemporânea sugere; em seguida, pela infinidade de campos disciplinares distintos que o interessado terá de percorrer – desde a Filosofia, passando pela Sociologia, pela Ciência Política, pela História e, até mesmo, pela literatura - para cumprir as duas metas anteriores. Após o quê, o candidato que assumir o desafio ficará com a nítida sensação de que os diversos autores não falam a mesma coisa: o que uns chamam de *poder*, outros chamam de *dominação*, *potência*, *influência* ou *coerção*. Perceberá ainda que algumas definições são extremamente rigorosas do ponto de vista metodológico, a ponto de viabilizarem a mensuração desse fenômeno, mas, ao mesmo tempo, são extremamente superficiais e tímidas no seu alcance; outras, ao contrário, sugerem uma definição mais abrangente, mas nunca saberemos como operacionalizá-las.

O autor considera que “Essa multiplicidade de definições parece estar vinculada, como já sugeriram alguns autores, ao caráter essencialmente normativo do *conceito*: tantas “versões” do *poder* correspondem, na verdade, à

⁵ As datas entre colchetes se referem ao ano de publicação inicial dos livros.

⁶ HAYWARD, Clarissa R.. *De-Facing Power*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

multiplicidade de projetos políticos que os diferentes autores defendem” (PERISSINOTTO, 2003, p. 147). Em seguida, esclarece em nota (de fim de texto):

É preciso observar, entretanto, que Anthony Giddens tem razão ao afirmar que a confusão reinante nas discussões sobre o *poder* é, em grande parte, aparente, pois há um o (sic) claro predomínio da perspectiva weberiana em vários cânones da literatura contemporânea (GIDDENS, 1974, p. 17). De fato, grande parte dos autores recentes produziu, na verdade, inestimáveis avanços metodológicos numa definição teórica que é, na sua essência, aquela anunciada por Weber no famoso parágrafo 16 de *Economia e Sociedade* (WEBER, 1997, p. 43) (PERISSINOTTO, 2003, p. 147 – destaque do autor).

Por seu turno, Lukes (1996) argumenta que o significado de *poder*

é a capacidade de produzir ou contribuir para resultados – fazer com que ocorra algo que faz diferença para o mundo. Na vida social podemos dizer que poder é a capacidade de fazer isso através de relações sociais: é a capacidade de produzir ou contribuir para resultados que afetem significativamente um outro ou outros (1996, p. 580).

Em continuidade, Lukes formula várias questões a partir da focalização do poder social,⁷ que caracterizam algumas das principais diferenças no modo como o poder tem sido visto em debate (no século passado, notadamente):

a) quem ou o que possui o poder?

⁷ Bobbio (2000, p. 933) também entende o poder social não como uma coisa ou a sua posse, mas sim uma relação interpessoal.

- b) que resultados contam como efeitos do poder?
- c) que distingue as relações de poder?
- d) como é concebido o poder enquanto capacidade humana de atuar em harmonia?
- e) como é possível identificar ou medir o poder?

Para o interesse da argumentação esposada neste trabalho, vale apresentar as suas explicações com relação à terceira indagação, isto é, os fatores que distinguem o poder presente nas relações humanas. Primeiramente há os que admitem o poder exercido como relações de dominação (Weber, por exemplo) – “no *poder* sobre um outro ou outros, na garantia de submissão por meios que podem ir desde a VIOLÊNCIA e a força, passando pela manipulação, até a AUTORIDADE e a persuasão racional” (LUKES, 1996, p. 581 – destaques do autor). Depois, existem aqueles (Hannah Arendt, por exemplo) que “vêm as relações de poder como ‘essencialmente cooperativa’, definindo o poder como ‘a capacidade humana de atuar em harmonia’ em contraste com a violência e a força, e com ‘a relação comando-obediência’: o poder, nessa concepção, ‘pertence a um grupo e continua existindo somente enquanto o grupo se mantiver coeso’” (ARENDDT, 1970, p. 44, 40 *apud* LUKES, 1996, p. 581).⁸ Há ainda aqueles que tentam combinar ambos os aspectos “em uma concepção mais abrangente, sublinhando tanto a necessidade dos poderosos de atrair a cooperação e formar coalizões quanto à de evitar ou superar a oposição” (LUKES, 1996, p. 581).

2. A questão do poder em Elias e em Foucault

2.1 “Os Estabelecidos e os Outsiders...” ou o poder como relação

O livro escrito por Elias - em colaboração com J. Scotson - derivou-se de um estudo desenvolvido por este último sobre o problema da delinqüência juvenil na comunidade de Winston Parva (pseudônimo), próxima de Leicester – Inglaterra, no final dos anos 1950 e início dos anos 1960. Ao final, revelou-se um estudo das relações de poder na comunidade.

⁸ ARENDT, Hannah. *On Violence*. Londres: Allen Lane; Nova York: Harcourt; Brace, 1970.

De um problema geral associado a altos índices de delinqüência juvenil, os pesquisadores foram levados a refletir sobre questões que dizem respeito à própria sociedade. No centro de suas discussões estavam as relações de poder e de *status* no interior de uma comunidade. A investigação os levou a buscar explicar o porquê das diferenças de *status* e poder.

Eles entenderam que havia três grupos principais de residentes na comunidade em áreas (zonas) por eles designadas de zonas 1, 2, e 3. A comunidade teve início na zona 2, em 1880. Esta área, também denominada de Aldeia, foi habitada por uma classe trabalhadora mais numerosa, antiga e com laços familiares muito estreitos, implicando por isso mesmo uma maior participação associativa e comunitária, com um alto nível de organização no campo político. Posteriormente, apareceu a área correspondente à zona 1 – área considerada de classe média. Por fim, a zona 3, denominada de Loteamento, existente posteriormente aos anos 1940, tornou-se por inúmeras razões um bairro de migrantes. As relações entre a classe operária estabelecida na Aldeia e a classe operária migrante do Loteamento têm grande significação neste trabalho de Elias.

A partir de uma análise das relações cotidianas de sociabilidade, Elias aprofunda a discussão da relação dos moradores da zona estabelecida (grupo de maior status social) para com os membros da comunidade que são considerados excluídos, sem status ou outsiders. Ele mobiliza algumas categorias sociológicas como o discurso de superioridade social estipulado pelos membros da zona 1 e 2, o uso dos mecanismos como o da fofoca, o perfil da socialização dos moradores mais antigo, e outras.

O que determina o exercício ou posse do poder na comunidade de Winston Parva não é ter a influência na esfera da política, ou seja, ser uma pessoa da corte, alto escalão ou ter um cargo público; também não é ter acúmulo de recursos financeiro ou nos conceitos de Marx deter os meios de produção. A relação de poder, de exercício de superioridade autodeterminada de certos indivíduos para com os outros, na comunidade acima mencionada, é constituída no cotidiano, no dia-dia desses sujeitos sociais. Dessa forma, tal construção se dar por procedimentos como grau de integração de grupos sociais, tempo de residência na comunidade dentre outros fatores.

Assim, a formação da comunidade estabelecida, detentora de prestígio social (zonas 1 e 2) ocorre pela formação de elos de interpertencimento, ou seja, as afinidades sociais; a capacidade de múltiplas interações cotidianas, a percepção e conhecimento de estilo de vida, atitudes psicossocial corroboram para constituir o que Elias denomina de configuração social. Esses componentes são cientes de suas especificidades e impõe limites de acesso a indivíduos de outro quadro social que queiram adentrar na sua rede de relacionamento.

A formação de famílias antigas é um dos exemplos clássico, pois elas proporcionam o aprimoramento de socializações. Em Winston Parva as famílias tradicionais eram a que formavam as associações comunitárias, os clubes de mães. Essas constituíam também o grupo de atividade cristã da comunidade o qual prestava serviços à localidade em estudo, era um centro identitário e ensejava momento de alta socialização e integração comunitária. Como exemplo, registramos a formação dos grupos dominicais e associação de grupos beneficente coordenado pela igreja. Desta forma, fica evidente como os moradores da zona 3 (os *outsiders*) são excluídos do processo de socialização e tem sua socialização retirada, “extraída” do ciclo de vivência dos moradores da aldeia. Essa problemática é compreendida juntamente com a questão da antiguidade de residência como se falou acima e se atesta a seguir:

O fato de a antiguidade ser encarada como um grande trunfo social, como um orgulho e satisfação, pode ser observado em muitos contextos sociais diferentes. O estudo entre famílias “novas” e “antigas” em Winston Parva pode contribuir um pouco para solucionar o problema de porque o ‘tempo’ de residência e a ‘idade’ das famílias são capazes de afetar profundamente o relacionamento das pessoas (ELIAS, 2000, p. 168).

Compreendendo a gênese das relações de poder em Winston Parva, Elias qualitativamente permite que se acesse a questões sublimes, de perfil bastante delicado, e acima de tudo o uso agudo de seu potencial sofisticado de

pesquisa. O teórico do processo civilizador demonstra como uma prática social, geralmente depreciativa e vastamente repudiada pelos modelos de educação, pode explicar o processo de exclusão encontrado na comunidade citada. Compreenda-se por isso a questão da fofoca.

Contudo esta prática social não é compreendida como um instrumento que só deprecia a vida do próximo. No arcabouço teórico eliasiano, a fofoca é compreendida como um elemento de integração, uma ação social que consegue aumentar o nível de integração dos moradores. Ao mesmo tempo tinha função de excluir pessoas e cortar relações. Elias afirma que para um novo morador ganhar a “confiança” de residir em Winston Parva era preciso que ele passasse pelo crivo de aprovação dos mexericos (indivíduos) bastante conhecidos pelo ato da fofoca.

Analiticamente, Elias observa a fofoca como uma ação constituinte de poder. Para ratificar sua hipótese o autor lança mão de algumas observações. A primeira questão é que a fofoca não é feita por um morador, mas por vários grupos de moradores. Assim, observa-se o crédito, a confiança que a comunidade deposita a tal prática. Outra questão analisada é o fator do reforço a algo já discutido pela comunidade, a fofoca reforça uma opinião existente e ratifica a opinião de um grupo. Desta maneira, essa prática comunicativa dimensiona o sentimento de rejeição da comunidade para com os moradores da aldeia. Aprofundando a analítica do poder em relação ao costume da fofoca Elias defende que tal fato pode ser compreendido como a tática do estrangulamento, ou seja, agredir o agredido. Em outras palavras, é depreciar o já depreciado por meios de boatos que tem a finalidade de expandir uma visão deturpada de um determinado seguimento social. Neste caso, os residentes da zona 3.

A obra em análise exemplifica que o poder - fruto de relações pessoais - está presente nos escritos de Elias não como um fato posto e situado que pode ser isolado como uma coisa qualquer, mas como algo relacional, que faz parte das inter-relações humanas. O poder, diria Elias, tem haver com o fato que existem grupos ou indivíduos que “podem reter ou monopolizar aquilo que outros necessitam, como, por exemplo, comida, amor, segurança,

conhecimento, etc. Portanto, quanto maior as necessidades desses últimos, maior é a proporção de poder que detêm os primeiros”⁹ (ELIAS, 1994, p. 53).

E diz ainda:

Nas relações entre pais e filhos e entre senhor e escravo, as oportunidades de poder são distribuídas muito desigualmente. Porém sejam grandes ou pequenas as diferenças de poder, o equilíbrio de poder está sempre presente onde quer que haja uma interdependência funcional entre pessoas. Sob esse ponto de vista, a utilização simples do termo “poder” pode induzir em erro. Dizemos que uma pessoa detém grande poder, como se o poder fosse uma coisa que se metesse na algibeira. Esta utilização da palavra é uma relíquia de idéias mágico-míticas. O poder é uma característica estrutural das relações humanas — de todas as relações. (ELIAS, 2005, p. 81)

Como bem analisa Pacheco (2009, p. 259),

Essa ênfase no poder como uma relação é importante, pois implica que este poder não é algo que exista por si mesmo. Como a sociedade, ele não é exterior ao indivíduo, pois depende destes para ser exercido, ele precisa de um ou vários sujeitos que o coloquem em movimento. Ao afirmarmos que o poder, em Elias, é sempre relacional, queremos dizer que, para existir poder, é necessário existir um referencial a partir do qual ele será exercido. Assim, é possível observar um centro de equilíbrio de poder no qual as relações se estabelecem — seja o Estado, nas sociedades modernas; seja a Corte nas sociedades de corte; seja a “aldeia”, em relação à “zona 3” na comunidade de Winston Parva.

⁹ ELIAS, Norbert. *Conocimiento y Poder*. Madrid: La Piqueta, 1994.

Por outro lado, a obra também comprova, de maneira exímia, que Elias e Scotson não ignoram a natureza de humilhação. Os autores mostram em mais de uma ocasião como as vítimas desse sentimento lidam com seu sofrimento por condescender com o sistema de valor de seu opressor. Ao fazer isto, eles (as vítimas) aceitam que sua própria subalternidade é legítima; amenizam a humilhação; redefinindo-a como uma necessidade a que eles não deveriam resistir.

2.2 “Microfísica do Poder” ou o poder em rede

Microfísica do Poder é um livro com base em textos de Michel Foucault, organizado, introduzido e revisto tecnicamente por Roberto Cardoso Machado (professor da UFRJ). Veio ao público no Brasil (Rio de Janeiro), pela editora Paz e Terra (edições Graal), em 1979. Para o organizador, o livro

é uma coletânea de artigos, cursos, entrevistas, debates, em que Foucault analisa questões relacionadas à medicina, a psiquiatria, a geografia, a economia, mas também ao hospital, a prisão, a justiça, ao Estado, ao papel do intelectual, a sexualidade etc. Textos heterogêneos e variados que têm como tema central o poder nas sociedades modernas: sua configuração, sua difusão no corpo social, seu exercício em instituições, sua relação com a produção da verdade, as resistências que suscita (MACHADO, 2006a).

Ao abordar a questão do poder, Foucault se refere a relações e práticas sociais historicamente criadas, e sua atenção estará voltada para a análise dessas relações e práticas. Ele não se dedica a uma teoria geral de poder, mas, sim, a uma “análise do poder”.¹⁰ Significa analisar, portanto, as formas

¹⁰ Segundo Machado, a genealogia foucauldiana não tem por objetivo formular teorias definitivas e universais relativas ao poder e a nenhum outro objeto de investigação. Portanto, para esse autor, Foucault se afasta da possibilidade de construir sistemas e teorias, na medida em que sua intenção é a de formular “análises fragmentárias e transformáveis”. Roberto Machado esclarece que “não existe em Foucault uma teoria geral do poder. O que significa dizer que suas análises não consideram o poder como uma realidade que possua uma natureza, uma essência que ele procuraria definir por suas características universais. Não existe algo unitário e global chamado poder, mas unicamente formas

que esse poder pode tomar, ao ser exercido; as esferas em que ele penetra; os discursos que ele incentiva e os que ele deseja que não sejam incentivados; as estratégias de que ele se utiliza para se fazer sentir e para criar verdades sobre os indivíduos que ele penetra; enfim, o “como do poder”, as redes de relações que ele engendra. Poder sem um sujeito específico que se insere nas micro-relações cotidianas.

Microfísica do Poder delinea a temática do poder na perspectiva das descrições que seguem:

A- *O poder* - deve ser analisado como algo que circula; que funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui ou ali, nunca está nas mãos de alguns, nunca é apropriado como riqueza ou bem. *O poder funciona e se exerce em rede*. Os indivíduos, em suas malhas, exercem o poder e sofrem sua ação. *Cada um de nós é, no fundo, titular de um certo poder* e, por isso, veicula o poder. Os poderes periféricos e moleculares não foram confiscados e absorvidos pelo Estado; não são necessariamente criados pelo Estado. (*Poderes periféricos e moleculares*: poder exercido por indivíduos, grupos, empresas, cientistas, comunicadores, etc.). Os poderes se exercem em níveis variados e em pontos diferentes da rede social e neste complexo os *micropoderes* existem integrados ou não ao Estado. É preciso dar conta deste *nível molecular de exercício do poder* sem partir do centro para a periferia, do macro para o micro.

A.1- *Relações de poder* - Os poderes não estão localizados em nenhum ponto específico da estrutura social. Funcionam como uma rede de dispositivos ou mecanismos (tecnologia do corpo, olhar, disciplina) que nada ou ninguém escapa. O poder não é algo que se detém como uma coisa, como uma propriedade, que se possui ou não. Não existem de um lado os que têm o poder e de outro aqueles que se encontram dele apartados. Rigorosamente falando, o poder não existe; *existem sim práticas ou relações de poder*. *O poder é algo que se exerce; que se efetua; que funciona*. O poder não é substancialmente identificado com um indivíduo que o possuiria; ele torna-se uma maquinaria de que ninguém é titular.

dísparas, heterogêneas, em constante transformação. O poder não é um objeto natural, uma coisa: é uma prática social e, como tal, constituída historicamente” (MACHADO, 2006b, p. X).

A.2- *O poder exercido como disputa e luta* - Onde há poder há resistência, não existe propriamente o lugar de resistência, mas pontos móveis e transitórios que também se distribuem por toda a estrutura social. A guerra é luta, confronto, relação de força, situação estratégica. Não é um lugar que se ocupa, nem um objeto que se possui. Ele se exerce, se disputa. Nessa disputa ou se ganha ou se perde.

A.3- *Concepções negativas e positivas do poder* - aquelas vinculadas ao Estado como aparelho repressivo que castiga para dominar; estas direcionam a vontade para a satisfação de desejos e prazeres. O capitalismo não se manteria se fosse exclusivamente baseada na repressão.

A.4- *Objeto do poder: o corpo* - O poder atinge a realidade concreta dos indivíduos: *o corpo*. Os *procedimentos técnicos do poder sobre o corpo* são: controle detalhado e minucioso de gestos, atitudes, comportamentos, hábitos e discursos. É preciso parar de sempre descrever os efeitos do poder em termos negativos: ele exclui, reprime, recalca, censura, etc. O poder, em sua *positividade*, tem como alvo o corpo humano não para supliciá-lo, mutilá-lo, mas para aprimorá-lo, adestrá-lo.

B- *O olho do poder* - A disciplina é uma técnica de poder que implica uma *vigilância perpétua e constante dos indivíduos*. Não basta olhá-los às vezes ou ver se o que fizeram é conforme a regra. É preciso vigiá-los durante todo o tempo da atividade e submetê-los a uma perpétua pirâmide (hierarquia) de olhares.

C- *A construção da verdade pelo poder*

C.1- *O poder é produtor de individualização* - O poder disciplinar não destrói o indivíduo; ao contrário, ele o fabrica. O indivíduo não é outro do poder, realidade exterior, que é por ele anulado; é um de seus mais importantes efeitos. A ação sobre o corpo, o adestramento do gesto, a regulação do comportamento, a normalização do prazer, a interpretação do discurso (fala), com o objetivo de separar, comparar, distribuir, avaliar, hierarquizar, tudo isso faz com que apareça *o homem individualizado como produção do poder e objeto de saber das ciências humanas*. O poder é produtor de individualidade. *O indivíduo é uma produção do poder e do saber*. Não há relação de poder sem constituição de um campo de saber, como também reciprocamente, todo saber constitui novas relações de poder.

C.2- *A verdade sobre o indivíduo produzido pelo poder* - A disciplina é o conjunto de técnicas pelas quais os sistemas de poder vão ter por alvo e resultado os indivíduos em sua singularidade. Para individualizar a pessoa, utiliza-se do *exame*, que é a vigilância permanente, classificatória; que permite distribuir os indivíduos, julgá-los, medi-los, localizá-los para utilizá-los ao máximo. Tudo o que se refere à própria pessoa é a hierarquia do poder que *constrói a verdade sobre o indivíduo*, o qual não tem participação na construção da verdade sobre si mesmo. Jamais é consultado, interrogado para dizer sobre si mesmo. Às portas fechadas, entre quatro paredes, aqueles que detêm o poder definem quem é o indivíduo através de julgamentos, classificações, medições a fim de individualizá-lo e assim direcionar sua convicção mental a realizar ações, assumir atitudes e padrões mentais de pensamentos para que seja utilizado ao máximo pela máquina do poder.

O estudo do poder em Michel Foucault tem algumas características basilares com o seu projeto de compreensão das estruturas sociais dos indivíduos. Assim, sua análise estuda as relações de poder que se estruturam nos níveis mais primários sua pesquisa mostra que em um momento específico e em uma determinada conjuntura há o surgimento de determinadas práticas, as quais, por sua vez, acarretam transformações e começam a se tornar vantajosa e politicamente úteis. O argumento fica mais claro quando esse pensador nos demonstra, em linhas gerais, seu critério metodológico para investigar as estruturas de poder. Assim, Foucault (2006, p. 187) nos revela que: “é preciso estudar o poder colocando-se fora o modelo do leviatã, fora do campo delimitado pela soberania jurídica e pela instituição estatal. É preciso estudá-lo a partir de técnicas e táticas de dominação”

Avançando na análise sobre o dispositivo de poder, o autor enfatiza que esse mecanismo pode ser estudado da seguinte forma:

demarcando heterogeneamente um conjunto de fatores que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares leis, medidas administrativas, proposições filosóficas, (...). Em suma, o dito e o não dito são elementos do dispositivo de poder e devem ser analisados para

que se possa compreender como as estruturas formais e vigentes da sociedade codificam e normalizam os indivíduos (FOUCAULT, 2006, p. 244).

2.3 Elias, Foucault e a inspiração do poder

Inicialmente, uma questão importante presente na análise de Elias e Scotson é o conflito de socialização com base no exercício do poder. Isso aparece nas relações comunitárias pelo uso do fator antiguidade como um critério que proporciona aos primeiros residentes de Winston Parva (moradores da zona 1) o privilégio de se denominarem *estabelecidos*. Eles se julgavam indivíduos de alto status social e não aceitavam o fato de residir próximos aos novos vizinhos, os quais eram estigmatizados e “conhecidos” como os residentes do “beco dos ratos”.

Elias e Scotson destacaram outros fatores associados aos aspectos mencionados acima, quais sejam: dificuldade de formar e participar dos movimentos comunitários, o “bloqueio” de acesso a instituições que promovem processos de socialização como as igrejas e os clubes de mães.

Tais fatores podem ser explicados com maior tratamento analítico a partir do mecanismo disciplinar foucauldiano. A produção do saber, como mecanismo de poder, e o fenômeno da produção da verdade são aspectos da análise foucauldiana que nos auxiliam a ampliar esse “fator antiguidade” mencionado.

A disciplina como exercício de poder é instrumento fundamental para maior entendimento dessa questão porque, em Foucault, esse conceito é compreendido da seguinte maneira: “a disciplina é um conjunto de técnicas pelas quais os sistemas de poder vão ter por alvo e resultado os indivíduos e sua singularidade” (2006, p. 107).

Pela produção do saber, podemos apreender que os moradores da Zona 1 constituíram um entendimento de saber - conhecimento de uma determinada realidade - que lhes proporciona o exercício de poder. Neste caso, há o exercício de uma vontade que é a da não convivência e não aceitação dos moradores novos. Para efetivar essa prática, o poder do saber é associado a

outras práticas coerente com esse tipo de poder, a saber: a organização do espaço, o distanciamento dos “estranhos” e a generalização de um saber identitário de superioridade dos moradores da zona 1.

A produção da verdade vai revelar a institucionalização do estigma dos *outsiders*, ou seja, o discurso da superioridade vai ser inscrito na realidade social de Winston Parva e aceito como algo dado. Nas acepções foucauldianas, cria-se um processo de normalização da superioridade dos estabelecidos - antigos residentes - e ao mesmo tempo normaliza-se o senso de inferioridade dos *outsiders*, moradores da zona 3. Toda essa caracterização da gênese das relações de poder descrita por Foucault deriva do seu entendimento de que essas relações circulam e se desenvolvem em forma de cadeia, o que potencializa o mecanismo da produção da verdade.

Associado a essa definição, o pensador francês elenca outras características do procedimento disciplinar, o qual, por sua vez, proporciona o controle de não socialização dos moradores da zona 3, com os da zona 1 e 2: o controle das ações e desenvolvimento do grupo alvo que se quer controlar; a vigilância completa, constante, de elementos pré-estabelecidos; o registro e acompanhamento de atividades, e o que contém nas ações, além da utilização de mecanismos classificatórios para o contínuo controle das ações de poder. Sendo assim, há também um constante monitoramento das ações desses indivíduos estigmatizados como também a imposição do senso de inferioridade aos mesmos através dos mecanismos de controle de sociabilidade que abordaremos adiante.

Elias e Scotson também observaram uma característica importante que contribuiu para a permanência do processo de estigmatização. Falamos de um processo de alto nível de socialização ou, em palavras eliasianas, de um processo de grande integração do processo figuracional. O fenômeno caracterizado é o velho costume da fofoca.

Os procedimentos foucauldianos de análise para interpretar tal questão são realizados observando alguns critérios como: análise das técnicas e táticas de dominação, ou seja, como ocorre o processo de sujeição dos indivíduos e por fim a realização de uma análise do local onde está situado o que se quer dominar.

Relativo à questão em exame, pode-se argumentar, em síntese, com base em Van Krieken (1996), que Foucault e Elias concordam no sentido de que para eles houve um desenvolvimento na “psique humana”, na forma de “socialização do eu”, a qual propiciou que o indivíduo internalizasse e automatizasse uma série de regras de condutas. Para esses autores, mudanças ocorridas na ordem social desencadearam um processo de transformação nas formas de coerção sobre o indivíduo. A coerção tradicional, baseada na forma externa do poder soberano, se transformou na coerção interna: Elias fala em autocontrole das condutas e sentimentos; Foucault fala em disciplinarização do corpo.

Conclusão

A educação, em sentido geral, pode ser um instrumento de emancipação e de capacitação para o homem determinar o seu presente e preparar o seu futuro. Isso, por si só, já reflete a sua importância no processo de transformação da sociedade e dos indivíduos. Educar é um instrumento de conservação e de mudança da sociedade. Permitir a reflexão sobre essas possibilidades, mediante as perspectivas criadas pelas aproximações entre autores (no caso, Elias e Foucault) e educação, é tentar compreender como se estruturam as nossas condutas no complexo contexto social. Pois, ainda que as preocupações dos mesmos não estejam voltadas exclusivamente para a educação, elas permitem extrair novas perspectivas para a prática pedagógica.

Na perspectiva educacional, o trabalho de Elias abre caminhos para a compreensão da formação do indivíduo e suas implicações em relação às apropriações dos objetos da cultura, como os modos de ler e as relações com os livros.¹¹

Por seu turno, a relação de Foucault com a educação é posta pelo tema do poder. Foucault estudou e descreveu práticas disciplinares. A escola é um lugar chave para “disciplinas”. Assim, estudar o poder na escola, o que se faz nas práticas pelas quais o poder que se faz sentir no âmbito escolar, é algo que tem tudo a ver com Foucault. Na compreensão de Ghiraldelli Jr. se pode

¹¹ A favor desse argumento, ver, por exemplo, Leão (2007).

estudar a escola, na ótica de Foucault, e ao mesmo tempo não sair dos objetivos pelos quais se estuda o poder, inclusive na escola. Foucault está preocupado com os processos de subjetivação. O exercício do poder, inclusive e sobretudo na escola, mostra esse panorama.

Mediante análise sobre o poder disciplinar,¹² pode-se compreender algumas preocupações foucauldianas com o processo educativo, especificamente. Foucault enfatiza o importante papel do educador, o qual deve portar-se como um ator interpretativo dos diversos dispositivos de poder como os discursos de verdade e despertar nos educando um senso de compreensão e reflexão para que esses tenham capacidade e autonomia de trilhar caminhos e percursos de vida livre de ideologias fabricada ou imposta por interesses de dominação do eu.

A obra foucauldiana mobiliza um vasto processo de possibilidade de aprendizagem para o mundo educacional. Remete às relações de poder desenvolvidas dentro do ambiente de escolarização. Para o teórico francês, é função de a escola prover um processo de socialização que permita aos indivíduos estruturar um campo de ação e reação às ações de normalização que possa se constituir sobre si. Tal prática seria bem útil ao caso analisado em Winston Parva, pois as instituições de socialização observadas por Elias serviram para dimensionar o processo de afirmação do poder vigente.

Como esse entendimento sobre o poder - que resulta do agregamento da produção de Elias e Foucault - serve à apreciação da educação? Pode-se aventar algumas possibilidades, tomando por base o texto de Messer (2006) e as concepções circunscritas nele.

Para essa autora, a escola moderna foi e continua sendo a mais poderosa instituição de articulação entre o saber e o poder, contribuindo ativamente para a instituição do sujeito através da lógica disciplinar, que vem sendo substituída pela lógica do controle. Foucault questiona a neutralidade das práticas pedagógicas e as trata como produtoras de experiências de si, que articulam a produção de sujeitos singularizados, emaranhados nesta teia de poder-saber. Poder e Saber estrategicamente entrelaçados permitem que o conhecimento tenha uma qualificação de histórico e social, o que chama

¹² Foucault (1977b, p. 167) diz que “O poder disciplinar, ao contrário, se exerce tornando-se invisível: em compensação, impõe aos que se submetem um princípio da visibilidade obrigatória”.

atenção sobre o papel relacional e social da educação (considerando essa não só como o processo escolar, mas como um processo que ocorre em diversas instâncias sociais, durante toda a vida humana ininterruptamente).

Quando se pensa em educação, tendo na instituição escolar sua principal fonte, é necessário questionar que cuidados se têm com os educadores? Conhece-se a formação pessoal e profissional desses educadores, a qual se reflete no ato pedagógico? Quanto se conhece das comunidades escolares? Esse conhecer se faz necessário para que práticas educativas que resistam a qualquer tipo de assujeitamento possam ser propostas.

A ética do cuidado¹³ propõe que se lance um olhar diferente sobre os educadores e as comunidades escolares, pois para compreender-se a singularidade de cada ser é necessário conhecer-se a sua formação enquanto pessoa, através de processos que lhes constroem a subjetividade. Experimentar essa nova ética se fará possível quando se tiver a oportunidade de - não em outro lugar, mas no próprio lugar que se ocupa – começar-se, como educadores, a questionar: Por que estou aqui? Qual o papel que a educação representa nesta sociedade? Como uma prática pedagógica se constitui? A quem serve? O quê e quem ela transforma? Como ela poderia ser para vencer os próprios limites e se libertar junto com o homem?

A ética do cuidado é uma possibilidade de implementar-se práticas educativas que relativizem o poder disciplinar, o controle, possibilitando que lemas como convivência, diálogo, pluralismo, alteridade, diferença, não permaneçam na retórica, mas que possibilitem que se questione sobre como a educação pode contribuir para que o ser humano não se destrua.

É importante, na educação em suas diversas formas, criar-se uma pedagogia do cuidado, que reconheça o outro em sua diferença e alteridade, para evitar que se continue de forma acrítica a alimentar a “boa” consciência, a superioridade moral e uma falsa imagem de satisfação consigo mesmo – como

¹³ Para Foucault, ética deixa de ser o estudo dos juízos morais referentes à conduta humana a partir de um código, para ser o modo como o indivíduo se constitui a si mesmo como sujeito de suas próprias ações. A ética do cuidado é, desse modo, um exercício de vida, que deve acontecer em todo o processo de nossa existência; princípio de desenvolvimento pessoal e social; organização prática de nossos atos que se inicia em ter cuidado consigo, e, nessa relação encontram-se, intrinsecamente, nossos deveres para com a humanidade, os concidadãos e a família.

educadores – e com o mundo em que se vive; permitindo que essa nova ética seja assumida como uma atitude, uma maneira de ser, tornando-se prática comum; e que se passe, segundo Foucault, a problematizar o que as pessoas pensam que são, quem é o outro, onde se vive, de forma a se constituir uma consciência do papel de cada cidadão no mundo e com o mundo, priorizando o social sobre o individual.

Referências

BINKLEY, Sam et al. The planned and the unplanned: a roundtable discussion on the Legacies of Michel Foucault and Norbert Elias. **Foucault Studies**, [Denmark], n. 8, p. 8-27, Feb. 2010. Disponível em: <<http://rauli.cbs.dk/index.php/foucault-studies/article/view/2939/3007>>. Acesso em: 24 Mar. 2010.

DOLAN, Paddy. Space, time and the constitution of subjectivity: comparing Elias and Foucault. **Foucault Studies**, Denmark, 8, p. 53-77, Feb. 2010. Disponível em: <<http://rauli.cbs.dk/index.php/foucault-studies/article/view/2938/3006>>. Acesso em: 24 Mar. 2010.

ELIAS, Norbert. **Introdução à sociologia**. Lisboa: Edições 70, 2005.

_____. **Conocimiento y poder**. Madrid: La Piqueta, 1994. (Organizado e apresentado por Júlio Varela.)

_____. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

_____. **Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

_____. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 22ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006. (Organizado, introduzido e revisado tecnicamente por Roberto Machado.)

GHIRALDELLI JR., Paulo. O que é “Foucault e a educação”? Disponível em: <<http://portal.filosofia.pro.br/o-que-e-foucault-e-a-educacao.html>>. Acesso em: 18 Ago. 2009.

LEÃO, Andréa B. **Norbert Elias & a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MACHADO, Roberto. Considerações iniciais. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 22ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006a. (Primeira “orelha”)

_____. Introdução: por uma genealogia do poder. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 22ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006b. p. VII-XXIII.

MESSER, Sylvia. Foucault, a Educação e a Ética do Cuidado. In: FÓRUM INTERNACIONAL INTEGRADO DE CIDADANIA – EDUCAÇÃO, CULTURA, SAÚDE E MEIO AMBIENTE, I, 2006, Santo Ângelo. **Anais eletrônicos...** Santo Ângelo: URI, 2006. Trabalhos. Disponível em: <<http://www.urisan.tcche.br/~forumcidadania/pdf/FOUCAULT.pdf>>. Acesso em: 20 Out. 2009.

MINAYO, Maria C. de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 8ª ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

PERISSINOTTO, Renato M.. O poder sem face: de volta à velha antinomia “estrutura” e “prática”? **Revista de sociologia e política**, n. 20, p. 147-152, Jun. 2003.

PODER. In: LUKES, Steven. **Dicionário do pensamento social do século XX**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996. p. 580-582.

PODER. In: BOBBIO, Norberto. **Dicionário de política**. Brasília: Editora da UnB, 1986. p. 933-942.

SALLAS, Ana Luíza F. Resenha: ELIAS, Norbert & SCOTSON, John L. 2000. Os Estabelecidos e os Outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 224p. **Campos: revista de antropologia social**, Curitiba, v. 1, p. 217-220, Nov. 2001. Disponível em: <<http://calvados.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/campos/article/viewPDFInterstitial/1561/1309>>. Acesso em: 10 Abr. 2009.

SMITH, Dennis. *The civilizing process and the history of sexuality: Comparing Norbert Elias and Michel Foucault*. **Theory and society**, [S/I], v. 28, n. 1, p. 79-100, Feb. 1999. Disponível em: <<http://www.springerlink.com/content/g6660j2g14128w26/fulltext.pdf>>. Acesso em: 24 Mar. 2008.

_____. **Norbert Elias & modern social theory**. London: Sage Publications, 2001.

SPIERENBURG, Petrus C. Punishment, power, and history: Foucault and Elias. **Social science history**, Durham, v. 28, n. 4, p. 607-636, 2004. Disponível em: <http://muse.jhu.edu/journals/social_science_history/v028/284spierenburg.pdf>. Acesso em: 24 Mar. 2010.

VAN KRIEKEN, Robert. A organização da alma: Elias e Foucault sobre a disciplina e o eu. **Plural**, São Paulo, v. 3, n. 1, p. 153-180, 1996.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault & a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

WAIZBORT, Leopoldo (Org.). **Dossiê Norbert Elias**. São Paulo: EDUSP, 1999.